

DIFICULDADES DO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE MATEMÁTICA PARA UMA ALUNA SURDA, NA 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO NO MUNICÍPIO DE IACIARA GOIÁS

Fabricia dos Santos Lima¹

Mário Ferreira do Nascimento Filho²

RESUMO: O presente artigo resulta de uma pesquisa realizada em uma escola pública do município de Iaciara no Estado de Goiás, com uma aluna surda da 3ª série do Ensino Médio, que teve como objetivos: conhecer, refletir, analisar e compreender a realidade enfrentada pela mesma, no processo de ensino/aprendizagem na disciplina de Matemática, bem como observar a atuação do professor quanto à sua prática docente, e métodos alternativos para um melhor ensino/aprendizagem. As observações foram registradas em notas de campo que foram analisadas com duplo viés, atentando-se para a prática de ensino do professor regente e para a aprendizagem apresentada pela aluna. Assim salientam-se questões importantes que se opõem a uma verdadeira inclusão da aluna surda como: as dificuldades encontradas no processo de ensino/aprendizagem da disciplina de Matemática; os papéis entre o intérprete de Língua de Sinais; o professor regente de Matemática; a aluna surda, e o seu aprendizado em Matemática.

Palavras-Chave: Aluna surda, Ensino Médio, Matemática, Professor regente, Intérprete de LIBRAS.

ABSTRACT: The present article results from a research carried out in a public school in the city of Iaciara in the State of Goiás, with a deaf student from the 3rd grade of High School, whose objective was: to know, to reflect, to analyze and to understand the reality faced by in the process of teaching / learning in Mathematics, as well as observing the teacher's performance regarding their teaching practice, and alternative methods for better teaching / learning. The observations were recorded in field notes that were analyzed with double bias, considering the teaching practice of the teacher regent and for the learning presented by the student. Thus important issues that oppose a true inclusion of the deaf student are highlighted as: difficulties encountered in the teaching / learning process of Mathematics; the roles between the Sign Language interpreter; the regent teacher of Mathematics; the deaf student, and her learning in Mathematics.

Keywords: Deaf student, High school, Mathematics, Regent Professor, Interpreter of LIBRAS.

¹ Acadêmica em Licenciatura em Matemática – UEG Câmpus Posse.

² Orientador deste estudo.

1 Introdução

O termo dificuldade vem do latim *difficultas*; “sofrimento, pobreza”, *dedifficilis*: pobre sofrido, no contexto do ensino, nos deparamos com várias dificuldades que, na maioria das vezes, paralisam o aluno, dificultando assim um processo de aprendizagem. Entende-se que aprendizagem é um processo de conhecimentos, através de experiências, métodos e estímulos, nos quais o professor é o coautor, quanto à disciplina de Matemática, esta, se bem mediada pelo docente, poderá proporcionar um significativo desenvolvimento na aquisição de conhecimentos por parte dos indivíduos.

É incontestável a importância da Matemática para o desenvolvimento do indivíduo em várias vertentes, é notória sua presença na vida do ser humano, desde os primórdios. Ela vem sendo descoberta e desenvolvida pelo homem em função das suas necessidades de sobrevivência no meio social. Na conjuntura hodierna, a Matemática se for bem trabalhada pode despertar a curiosidade de investigar, e a capacidade de generalizar, projetar, prever e abstrair, favorecendo a estruturação do pensamento além do desenvolvimento do raciocínio lógico. Isto ocorre porque essa ciência faz parte da vida de todos, inclusive nas experiências mais simples como o contar, comprar e operar sobre quantidades.

Aprender Matemática, no atual contexto escolar, é um desafio bastante complexo para a maioria das pessoas. Quando o olhar se volta para o aluno surdo, que em sua maioria possui uma estrutura cognitiva, biológica, física, funcional, sensorial e cultural devendo ser inserida de forma participativa, consciente e ativa na sociedade, inclusive no mundo das relações e do trabalho, o que ainda é muito incipiente no Brasil.

Segundo o DECRETO N° 3298, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1999, a deficiência auditiva é uma perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala através do ouvido.

O estigma da surdez é acompanhado desde a antiguidade. Como a fala era considerada o resultado do pensamento, os surdos eram considerados seres não pensantes. Assim eram vistos como incapazes e conseqüentemente marginalizados. Com a criação da Lei 10.436 de 24/04/2002, o conjunto de gestos utilizados até então informalmente passou a ser reconhecida como LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais e com essa legislação os surdos passaram a ter direito a aulas ministradas de forma direcionada, ou seja, em LIBRAS, com um professor intérprete, pois, a surdez, por si só, não interfere no desenvolvimento cognitivo. Como diz Falcão (2011):

Toda criança necessita sentir-se acolhida, amada, respeitada. A criança surda é um ser humano igualmente constituído que tem a via sensorial diferente, sem resposta, mas a mente e o mecanismo de aprendizagem não está comprometida. (FALCÃO, 2011, p.17)

Atualmente no Brasil, o aluno com surdez tem o direito de ter um professor intérprete que o acompanhe em sala de aula. E segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Art. 58, capítulo V:

Entende-se por educação especial, para efeitos desta lei a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial.

§2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular.

§3º A oferta da educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil. (LDB, 1996)

Portanto, o legislador prevê o atendimento educacional especializado aos alunos surdos, dando preferência para sua ocorrência na rede regular de ensino, promovendo a inclusão do aluno surdo na sociedade.

O papel do intérprete é realizar a interpretação da língua falada para a língua sinalizada, tendo confiabilidade, imparcialidade e fidelidade na comunicação. A formação adequada do mesmo contribuirá para a melhoria do atendimento e do respeito à diversidade linguística e sociocultural dos alunos surdos no nosso país. Ele possui assim a função de intermediar a comunicação entre o surdo e o professor.

O intérprete de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) é o profissional que trabalha com os seres humanos surdos, mediando e facilitando a interação da comunidade ouvinte com a língua de sinais utilizada pela comunidade surda, os mesmos surgiram pela necessidade de os surdos possuir um profissional que auxiliasse no processo de comunicação com as demais pessoas da sociedade, a presença de um intérprete educacional inserido em sala de aula é relevante para que os alunos surdos tenham acesso aos conhecimentos escolares. De acordo com Falcão (2011):

Na educação cognitiva das pessoas surdas a intervenção imediata em língua de sinais é condição indispensável na perspectiva de se garantir sua aprendizagem significativa, (re)estruturadora da dualidade relacional entre o cérebro, a mente e o espírito humano, entre o concreto e o real; o abstrato o imaginário e a subjetividade, que se retroalimentam na mediação das relações com os ambientes e os conhecimentos; que interagem e (re)constituem o indivíduo (re)estruturando, a partir da efetividade, dos sentimentos e emoções valores e sentimentos envolvidos e necessários a integridade física, mental, espiritual, energética e cósmica de qualquer ser humano que se humaniza nas relações. (FALCÃO, 2011, p.20)

A linguagem matemática é codificada e precisa ser traduzida para a linguagem LIBRAS. A mediação do profissional intérprete dentro da sala de aula, busca suprir a necessidade de que o conhecimento matemático seja compreendido. E tratando dessa questão, o tradutor tem a responsabilidade de traduzir para LIBRAS diversas palavras específicas e conceitos próprios desta importante disciplina. Assim, é indispensável que o tradutor tenha uma formação adequada, para que o conhecimento traduzido tenha maior consistência e significado. Falcão (2011) afirma que:

A língua de sinais é portanto, (re)socializadora do humano surdo e, pessoa apreendente se torna capaz e mais habilidoso quando sua aprendizagem decorre da dialogenia, se comendo das relações com os outros seres, valorando sentimentos, relações e processos cognitivos, atitudes e crenças, na realidade, co-existindo com consciência pessoal e coletiva, como participante ativo das vivências com os humanos, surdos e ouvintes. A motivação é inerente ao sujeito aprendente, mas prescinde que seja estimulada e apreendida como processo de conhecimento e pertencimento para o co-existir, ou seja, aprender a conhecer, a pensar, a agir ecologicamente, com o mundo. (FALCÃO, 2011, p. 20)

A formação do professor deve ter o objetivo de aprimorar sua prática docente na perspectiva de observar as etapas de construção do conhecimento do aluno, refletir sobre suas observações, experimentar e ressignificar sua prática participando do processo de reconstrução do conhecimento pedagógico integrando o seu fazer docente com a teoria e a prática, essenciais ao trabalho do bom professor que não apenas vislumbra sua aprendizagem, mas também a sua relação de aprendiz.

No geral, o processo de ensino pela repetição tem sido a linha de atuação das escolas de alunos surdos, nos diversos níveis de ensino. O modelo de formação é funcionalista e segregador de saberes, muito pouco se estimula a reflexão, inovação e a criticidade, não há diversificação de metodologias, não há criatividade, não se busca a ressignificação de saberes e tampouco se vislumbra perspectivas intelectuais mais aprimoradas.

O foco deste artigo é conhecer, refletir e analisar sobre a realidade enfrentada por uma aluna surda, no processo ensino/aprendizagem na disciplina de Matemática, que estuda na 3ª série do Ensino Médio em um colégio do município de Iaciara, Estado de Goiás. Assim objetivou-se neste estudo, apresentar os desafios da comunicação no ensino da Matemática abordando a necessidade de desenvolver novas competências e habilidades, é preciso que os docentes levem para sala de aula uma Matemática contextualizada, que propicie a reflexão e que seja baseada no paradigma holístico, pois com esse novo paradigma, o professor não é detentor do conhecimento, mas sim o responsável por criar as condições para que a aprendizagem da aluna surda de fato aconteça.

Para realização da pesquisa, além do levantamento bibliográfico, foi realizada uma pesquisa de campo com o objetivo de melhor compreender o assunto. Tem-se como pressupostos básicos um estudo de caso da pesquisa qualitativa e descritiva que foi realizado no colégio, que ocorreu por meio de acompanhamento e investigação das dificuldades no processo de ensino/aprendizagem da disciplina de Matemática.

A referida aluna tem idade de 18 anos, foi observada durante as aulas de Matemática por um período de dois meses, totalizando 34 aulas. Neste intervalo, foram realizadas entrevistas e questionários abertos e fechados objetivando verificar as dificuldades encontradas no decorrer do processo ensino/aprendizagem, bem como a atuação do professor regente e do professor de apoio intérprete de LIBRAS e o papel de cada um neste percurso.

As perguntas contidas nos questionários intentavam saber de assuntos que variam desde as dificuldades na disciplina de Matemática, a relação professor-aluno, vivências escolares e familiares da aluna referida, até a metodologia de ensino do professor regente. O aprofundamento da análise desse conjunto de dados possibilitou sugerir soluções e levantar os aspectos que mais irão contribuir para o sucesso escolar da aluna investigada, bem como as dificuldades enfrentadas, sendo assim cumprir com o propósito que é a contribuição para o enriquecimento do processo de ensino/aprendizagem em sala de aula para a discente.

2 Integração e socialização da aluna surda com os demais colegas

No decorrer da observação foi notável identificar algumas informações recorrentes à aluna surda, não houve uma integração por parte dela para com os colegas inseridos na mesma sala de aula. A aluna apenas interage com um outro colega que sabe conversar em LIBRAS. Nessas intervenções eram trocadas poucas frases, sem um diálogo mais substancial, eles conversavam somente quando era necessário, com a ausência de interação e socialização da aluna surda com os demais colegas, tinha-se a impressão que o intérprete era o único sujeito naquele ambiente capaz de inter-relacionar-se com a ela.

Para Tartuci (2002, p.13), em trabalhos escolares em grupo envolvendo surdos e ouvintes, “quase não existe o compartilhar de ideias e trocas”. Com isso deixa-se de cumprir um objetivo que necessariamente deveria ser buscado por parte do professor regente, ao se propor uma organização em grupo, que seja baseada na interação que de certa forma terá uma contribuição mútua com os envolvidos.

Algumas informações acerca dessa questão é que a própria aluna não procura se relacionar com o meio, com as pessoas. No dia do estudante, após o terceiro horário os membros envolvidos na área da educação fizeram uma aula diferente com todos os alunos no pátio da escola, porém a aluna surda não quis participar e acabou indo embora na hora do intervalo, de certa forma ela não tem interesse de participar dos eventos da escola, não procura se integrar com os demais colegas, o motivo segundo a intérprete que a acompanha é que ela não gosta desses eventos, certamente a aluna surda não se sente bem em estar no meio de várias pessoas reunidas, e isso de certa forma é um fator muito preocupante.

De acordo com Vygotsky (*apud DAVIS*, 1993), o desenvolvimento do sujeito humano e de sua singularidade origina-se das constantes interações com o meio social em que ele vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social. Nessa perspectiva a aprendizagem é permeada através da convivência, para isso é preciso que a aluna surda primeiramente relacione-se com os seus colegas, interage com o convívio da sociedade, então o professor regente de certa forma deve fazer essa integração da discente com os demais colegas da sala de aula, para que haja um bom relacionamento entre ambos. A prática de passar atividades e trabalhos em grupos é essencial para um bom relacionamento dos envolvidos. Portanto, o papel do professor é fundamental em uma sala de aula, pois para ser um bom mediador em competências ele precisa ter toda uma preparação, que é uma formação de qualidade.

Percebe-se que o professor deve estar preparado para receber alunos surdos em sua sala de aula, o mesmo precisa de uma qualificação de como mediar um conhecimento para que todos os alunos da sala de aula possam compreender o conteúdo que está sendo ministrado. Esses obstáculos que são enfrentados pelo docente em seus métodos de ensino irão fortalecer mais a sua prática docente.

Para que essa contribuição seja satisfatória a sua formação deve ser continuada, de modo que seus atos em sala possam ressignificar as aprendizagens dos alunos e estar sempre buscando melhorar a sua prática a cada dia. Então é perceptível que a capacitação é fundamental e essa questão não é só para professores, senão para toda comunidade escolar, pois não é um contato que se restringe ao professor e ao aluno, mas todos que estão inseridos no universo escolar precisam socializar.

2.1 Novas metodologias para o ensino da Matemática para a aluna surda

Os recursos pedagógicos de acessibilidade são eficientes porque permitem a participação dos alunos, seu acesso a comunicação, de modo que possa atuar em todas as atividades escolares, sem nenhum tipo de restrição. No entanto esses recursos devem ser facilitadores na realização das tarefas escolares, pois são eles que vão eliminar as barreiras impostas pela deficiência, para que os alunos possam participar de todas as atividades com a interação dos colegas.

É muito importante que o professor regente atue com projetos em sala de aula com ações significativas voltadas à aprendizagem da aluna surda. Essa é uma iniciativa bastante interessante, porque o professor deve diversificar suas aulas, utilizar metodologias diferentes, e não ficar somente naquela aula tradicional, em que o aluno, só reproduz o que o docente passa para ele. Segundo, Pais (2011):

Existe uma diversidade de fontes de referências para o ensino de matemática, tais como: problemas científicos as técnicas, problemas, jogos e recreações vinculados ao cotidiano do aluno, além de problemas motivados por questões internas á própria Matemática. A princípio, todas essas fontes são legítimas para contextualizar a educação escolar e o indesejável é a redução do ensino a uma única fonte de referência, o que reduz o significado do conteúdo estudado. A noção de contextualização permite ao educador uma postura crítica, priorizando os valores educativos, sem reduzir o seu aspecto científico. (PAIS, 2011, p. 26)

Diante disso o professor tem que acabar com o paradigma do ensino tradicional, sem aquela Matemática repetitiva, de cópia, reprodução e de memorização. É preciso que os docentes construam um novo paradigma, por que para haver mudança essa iniciativa tem que partir dos mesmos, trazendo para sala de aula uma Matemática contextualizada, reflexiva, precisa, tecnológica, um paradigma holístico, pois com esse novo modelo o professor não é o único detentor do conhecimento, ele torna-se o responsável por criar as condições para que a aprendizagem da aluna surda de fato aconteça.

Portanto, reforço aqui a necessidade de desenvolver novas competências e habilidades voltadas para a construção do conhecimento matemático, em que o professor possa viabilizar novas metodologias, desenvolvendo formas alternativas de ministrar suas aulas articulando teoria e prática.

Alguns apontamentos e sugestões de novas metodologias para o ensino de Matemática, visando o aprendizado da aluna surda e dos demais inseridos no contexto da sala de aula e que o docente utilize outras tendências de ensino em Matemática e não somente o ensino tradicional. Sugere-se por exemplo, que se trabalhe com modelagem Matemática onde buscase alcançar o ensino e a aprendizagem da Matemática partindo de uma problemática de

interesse dos alunos, onde estes são os sujeitos que problematizarão e investigarão a situação proposta. Utilizando essa metodologia o professor pode abordar outras tendências como por exemplo a resolução de problemas, a etnomatemática, exercícios contextualizados, materiais concretos, dentre tantas outras possibilidades.

Os professores de Matemática devem debruçar-se sobre essa problemática com a finalidade de compreender alguns indicativos e propor medidas/alternativas/meios que possam contribuir para formação significativa de seus alunos. Tem-se assim o intuito de desconstruir percepções negativas de um ensino tradicional, que acaba sendo até mesmo pejorativa para os discentes. Porque através da não utilização dos recursos pedagógicos nas aulas de Matemática para a aluna surda, foi explícito que dificultou muito sua compreensão em absorver o conteúdo com facilidade. Durante as aulas observadas a professora regente não utilizou nenhum tipo de metodologia ou recurso pedagógico que diferenciasssem sua prática pedagógica, houve apenas aulas tradicionais com o uso do quadro-giz e lista de exercícios do livro didático.

2.2 A mediação do professor de Matemática no processo de ensino/aprendizagem da aluna surda

Algumas questões observadas em sala foram que as aulas são direcionadas somente para os alunos ouvintes, não tem um viés de duplo ensino que atenda às necessidades de todos inseridos no ambiente da turma. Não há uma formação eficiente e contínua tanto por parte da professora regente quanto por parte da intérprete, então isso dificulta no processo de ensino/aprendizagem da aluna surda, e certamente de forma negativa. A professora regente de Matemática não procura inovar, utilizar novas alternativas que facilite o ensino da aluna surda, a própria aluna afirma que a professora deveria levar jogos ou outros meios que facilite sua aprendizagem. Outra questão importante é que a docente não realiza um planejamento em conjunto com a intérprete para aprimorar os conhecimentos da aluna surda, sendo esta uma falta grave a ser observada e corrigida.

As aulas são todas monótonas sem diversificação nenhuma, pois o ensino que é mediado para a aluna surda se trata de um conhecimento tácito, por que ela não consegue efetuar, resolver as atividades sem o auxílio da intérprete, a mesma não consegue resolver e nem montar um problema. A aluna não consegue operacionalizar cálculos envolvendo as quatro operações com números grandes, somente consegue fazer com o auxílio da calculadora.

Cabe salientar também que se tratando da mediação do professor regente é fundamental mencionar que um professor deve ser reflexivo, crítico, criativo, que seja responsável e que goste de sua profissão. É sem dúvida uma empreitada árdua que requer esforço de todos os sujeitos envolvidos nos cursos de licenciatura.

Formar professores reflexivos, no atual contexto social é de certa forma fazer com as políticas educacionais valorizem a educação de qualidade e impossibilite assim uma formação deficiente, incapaz de dar conta dos enormes desafios que diariamente são postos aos docentes. É necessário que os docentes possam contribuir de forma incisiva na construção de uma consciência profissional do professor, no sentido de estar ciente do deslocamento de seu papel de mero transmissor de conteúdo, para sujeito reflexivo e mediador de conhecimentos. Segundo Alarcão (2005):

Os professores desempenham um importante papel para produção e estruturação do conhecimento pedagógico por que refletem de uma forma situada, na e sobre a interação que se gera entre o conhecimento científico e a sua aquisição pelo aluno, refletem na e sobre a interação entre a pessoa do professor e a pessoa do aluno, entre a instituição, escola e a sociedade em geral. Desta forma, tem um papel ativo na educação e não um papel meramente técnico que se reduza a execução de normas e receitas ou à aplicação de teorias exteriores a sua própria comunidade profissional. (ALARCÃO, 2005, p.176)

E é neste contexto que torna-se perceptível a eminente necessidade em se avançar na formação de professores de Matemática reflexivos para que os novos docentes possam ultrapassar as fronteiras de professores transmissores de conteúdos destituídos de significado, para serem sujeitos pensantes, com autonomia intelectual, capazes de ensinar a Matemática além de meras fórmulas e cálculos penosos, que possam ensinar de forma criativa, contextualizada e transformadora.

Tratando-se da demanda do trabalho do profissional intérprete, sua formação é instituída a partir da própria legislação que garante a inclusão social e educacional de alunos surdos nos espaços públicos incluindo a educação. Sendo assim, os profissionais aprendem a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) de forma a mediar a fala para o aluno, sinalizando e verbalizando, através dessa razão evidencia e justifica a necessidade da atuação do intérprete como mediador educacional. Todo o processo de ensino e aprendizagem passa pelo intérprete educacional, pois o mesmo deve ter uma visão holística de todo o processo de aquisição do conhecimento para a aluna surda.

É necessário que o professor regente juntamente com o intérprete trabalhem em conjunto, de modo a selecionar metodologias que favoreçam todos os alunos na sala de aula na compreensão do conteúdo proposto, fato que não ocorreu durante a observação. Ambas afirmam não terem tempo para planejar juntos, pois no contra turno completam carga horária

em outra unidade escolar, e geralmente planejam suas aulas à noite ou nos finais de semana. Então é devido a essa razão que se evidencia a falta de preparo, e com isso essa questão fica a desejar.

2.3 Dificuldades encontradas no processo de ensino/aprendizagem na disciplina de Matemática

Das observações realizadas ao longo da pesquisa foram escritas notas de campo, as quais, segundo Bogdan e Bekten (1999, p. 150), constituem-se num “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”.

Após análises das observações e dos resultados a partir da pesquisa realizada durante as aulas de Matemática e, considerando o embasamento teórico, foi possível verificar que a aluna surda apresenta muita dificuldade em aprender a disciplina de Matemática. Houve momentos que foi notável incompreensão dos conteúdos por parte da discente, visto que uma das dificuldades observadas é a ausência de objetos concretos para demonstrações nas aulas. Portanto, para sanar essa dificuldade deve existir manejo por parte do professor regente para que a aluna possa de fato aprender o conteúdo que está sendo ministrado. De acordo com Pais (2011, p. 27), por outro lado, o desafio pedagógico envolve também a aprendizagem de conceitos cujos significados podem estar mais próximos da abstração do que da dimensão experimental. Portanto cabe ao professor proporcionar estratégias que facilitem a aprendizagem da discente.

Mas para que isso de fato aconteça depende necessariamente de todo um planejamento a ser feito pelo professor, como diz Menegolla (2014):

Ao se planejar uma disciplina para uma determinada turma ou classe, temos que obedecer a seguinte ordem ou estratégia para um melhor entendimento da sua sequência e das suas etapas; quais sejam:

- Conhecimento e análise da realidade do aluno, do professor, da escola e da comunidade;
- Definição dos objetivos dos alunos e dos professores em relação á disciplina;
- Delimitação dos conteúdos mais significativos para atingir os objetivos;
- Escolha dos melhores procedimentos e técnicas de ensino;
- Seleção dos possíveis e melhores recursos humanos e materiais;
- Estabelecimento dos melhores processos de avaliação, assim como as melhores técnicas e instrumentos. (MENEGOLLA, 2014, p.70)

Para um professor que pretenda desenvolver o ensino de uma disciplina é de suma importância que o mesmo faça primeiramente uma sondagem de todos os alunos presentes na sala de aula, conhecer os aspectos de cada um, pois o docente deve estar centrado na realidade

de cada aluno e nas dificuldades de cada um também, então o professor deve proporcionar um aprendizado para todos. Portanto é necessário que o intérprete e o professor regente ajam em conjunto, de modo a selecionar metodologias e fazer abordagens corretas, para que essa questão influencie de forma positiva para todos os alunos inseridos em uma sala de aula.

Observou-se na investigação realizada que, durante as aulas, existem momentos que os discentes questionam algumas dúvidas com relação ao conteúdo trabalhado. Em muitas ocasiões, esses comentários não são mediados para a aluna surda pela intérprete. Diante dessa situação, de certa forma a aluna acaba perdendo uma oportunidade de interação com seu grupo.

É evidente que há falta de interesse por parte da aluna em procurar entender o conteúdo. Por exemplo, ao errar a resposta de alguma atividade proposta no momento da correção feita pela professora regente, a aluna não procura saber o porquê do erro, mesmo a intérprete notando a falha, ela também não procura esclarecer as dúvidas da aluna, nessas situações foram mediadas poucas frases, não teve um diálogo mais substanciado.

Em algumas aulas os alunos eram direcionados para a biblioteca para assistir vídeos referentes ao projeto “O Ensino de Matemática Compartilhado”, houve um dia que a intérprete não foi e a aula foi desenvolvida através de slides na televisão e um vídeo para esclarecer melhor o processamento desse projeto.

Nesta atividade foi perceptível que a aluna surda não estava compreendendo, pelo fato da intérprete não a estar acompanhando, e de não ter ninguém traduzindo as palavras, e a escola também não forneceu meios para suprir a ausência da intérprete, pois quem estava direcionando a palestra era a coordenadora pedagógica. E como isso ocorreu no quinto horário, então era uma questão que deveria ter sido reformulada no planejamento, passando pelo menos um vídeo que contivesse tradução simultânea para LIBRAS, o que possibilitaria compreensão do que estava sendo apresentado. Com isso, faz-se necessário que o corpo docente da escola tenha obviamente conhecimento acerca das especificidades da aluna surda, e não somente o intérprete. A inclusão para que de fato ocorra deve ser um processo coletivo envolvendo toda a comunidade escolar.

As observações aqui apresentadas tiveram o objetivo de descrever o cotidiano das aulas de Matemática dos sujeitos envolvidos na pesquisa: professor regente, intérprete de LIBRAS, alunos ouvintes, e aluna surda. Tratou-se de um período compreendido entre os meses de agosto e outubro de 2017, que durante os quais foi possível participar de um número considerável de situações, que permitiram as considerações que foram expostas

anteriormente. Procura-se na conclusão a seguir tecer comentários gerais sobre alguns fatores que merecem uma melhor atenção e discussão.

3 Conclusão

É essencial que qualquer profissional na área da educação inclusiva tenha obviamente conhecimento sobre seu ofício, sua área de atuação, sobre suas práticas de ensino e que o mesmo saiba, com competência, mobilizar esses conhecimentos, transformando-os em ações na aprendizagem dos alunos surdos.

A formação do professor deve ter o objetivo de aprimorar sua prática docente na perspectiva de observar as etapas de construção do conhecimento dos alunos. Portanto, é necessário refletir sobre suas observações, experimentar e ressignificar sua prática participando do processo de reconstrução do conhecimento pedagógico integrando o seu fazer docente com a teoria e a prática, essenciais ao trabalho do bom professor que não apenas vislumbra a aprendizagem de seus alunos, mas também a sua relação de aprendiz.

Os docentes não só de Matemática, mas também de outras disciplinas, precisam mobilizar seus conhecimentos, reformular suas metodologias, repensar suas práticas em sala de aula, buscando encontrar novas formas que facilite a aprendizagem de alunos surdos, fazendo com que o educando desenvolva seu intelecto, respeitando suas características. Acrescenta-se que além de saber mediar o conteúdo e a língua de sinais, são necessários os saberes da inclusão e da reflexão.

É importante saber que todo o processo de ensino/aprendizagem não depende apenas do professor regente e do intérprete, a família dos alunos surdos, deve participar de todo esse desenvolvimento intelectual juntamente com eles, e especialmente no caso de filhos de pais ouvintes, como o caso pesquisado, pois podem partilhar as experiências prévias em casa ou na sociedade, assim elas exploram o seu mundo com liberdade e segurança, posteriormente ampliando seu campo de atividades.

Saliento que o professor regente, de maneira generalizada, deve recorrer a alternativas mais propícias para um melhor resultado no processo de ensino/aprendizagem da disciplina de Matemática, tendo assim que fazer uma reestruturação do conteúdo que será ensinado, de forma gradual utilizando atividades concretas, com objetos para demonstrações assim podendo ser manuseados pelo aluno surdo. Sugere-se que sejam trabalhados exercícios contextualizados, resolução de problemas, para que possa ocorrer um resultado de fato

satisfatório. Esse processo não deve ser totalmente teórico ou metódico seguindo passos previamente estabelecidos, deve ser de maneira agradável e que desperte interesse no aluno surdo.

Observou-se neste estudo o quanto é importante a formação completa de um indivíduo desde seu ambiente familiar. É perceptível a influência do seu contexto social no cotidiano escolar e sua extensão ao processo de ensino/aprendizagem do aluno surdo. Para um melhor resultado é necessário a articulação do docente juntamente com o profissional intérprete para que os mesmos tenham uma formação de qualidade, bem como um planejamento em conjunto realizado por ambos em todas as atividades direcionadas a surdos e ouvintes. Outro fator importante é que o professor regente deveria ter também o domínio da Língua Brasileira de Sinais e a utilizasse para mediar o conhecimento para todos de maneira igualitária.

REFERÊNCIAS

ALARCAO, Isabel, **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 4º ed. São Paulo Cortez, 2003.

BOGDAN, R.C; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução á teoria e aos métodos**. Porto Editora, 1999.

BRASIL. **Conjuntos de Matérias Secretaria de Educação para a capacitação de professores: Necessidades nas salas de aulas/Secretaria de Educação Especial; tradução, Ana Maria Izabel Lopes da Silva. – reimp. – Brasília: MEC/SEESP, 1998.**

BRASIL. **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em <portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf> Acessado em: 20 de maio de 2017, às 19h49min.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Disponível em <www.camara.gov.br/sileg>. Acessado em: 29 abr. 2017, às 13h58min.

BRASIL. Decreto nº 3298, de 20 de dezembro de 1999. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm. Acessado em 29 de abril de 2017, às 14h10min.

BRASIL. **Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Brasília: MEC/SEMT, 1999.

DAVIS, Cláudis; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na educação**. 2. ed., São Paulo: Ed. Cortez, 1993.

FALCÃO, Luiz Albérico Barbosa, 1961/ **Surdez, Cognição Visual e Libras:Estabelecendo novos diálogos**. 2ª Ed. Revisada e ampliada/recife: Ed. Do Autor. 2011.384: il.

MENEGOLLA, Maximiliano, **Por que planejar? Como planejar? : currículo, área, aula/** Maximiliano Menegolla, Ilza Martins Sant' Anna. – 22. Ed.- Petrópolis RJ: Vozes, 2014.

PAIS, Luiz Carlos, **Didática da Matemática; uma análise da influência francesa/** Luiz Carlos Pais. – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, editora 2011.

TARTUCLD. **Alunos surdos na escola inclusiva, ocorrências interativas e construção de conhecimentos**. Ln: Anped, 25ª reunião. GT 15. Caxambu-MG, 2002.

COSTA, W. C. L. **Desafios no ensino da matemática para alunos surdos**. Disponível em: www.revistas.udesc.br/index.php/boem/article/view/4444/3234. Acessado em: 13 de maio de 2017, às 14h35min.